
O Mito do Chupa-Sangue e outras narrativas de exploração¹

Andriolli de Brites da COSTA²

Virgílio Magalde AZEVEDO³

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Uerj, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Mais que figura de linguagem, o mito do Chupa-Sangue, em Moçambique, incita a população a ações extremas. Linchamentos, assassinatos, invasão de patrimônio público motivados pela caça aos supostos “vampiros” são apenas a face visível do fenômeno, que explicita a conversão da vida em mercadoria, a ser expropriada e utilizada pelos representantes do poder político e econômico. Este trabalho investiga este fenômeno folkcomunicativo em conjunto com a Teoria Geral do Imaginário para compreender o próprio Capitalismo enquanto elemento gerador de imagens que estimulam, cada vez mais, a separação, a oposição e a recusa da alteridade.

PALAVRAS-CHAVE: Chupa-Sangue; Moçambique; mito; imaginário; folkcomunicação.

INTRODUÇÃO

Karl Marx, logo no primeiro livro de *O Capital*, monstrifica a exploração a partir de duas metáforas recorrentes em todo o texto. A primeira é a de que o capitalismo, voraz como um lobisomem, expõe toda sua glotonaria por mais-trabalho ao transgredir não apenas os limites morais do trabalhador, mas também seus limites físicos. São homens, mulheres e crianças que tem seus corpos mutilados, deformados, alienados do contato com a natureza e com a família por conta do apetite pelo lucro (2013, p. 427).

A segunda grande metáfora é a do vampiro. Se o sangue é metonímia da própria energia do viver, o capital – que tem como único impulso a devoração, vai drenar a força dos trabalhadores indiscriminadamente para continuar persistindo e se expandindo.

O capital é trabalho morto, que, como um vampiro, vive apenas da sucção de trabalho vivo, e vive tanto mais quanto mais trabalho vivo suga. O tempo durante o qual o trabalhador trabalha é o tempo durante o qual o capitalista consome a força de trabalho que comprou do trabalhador. Se este consome seu tempo disponível para si mesmo, ele furta o capitalista (Marx, 2013, p. 392).

¹ Trabalho apresentado no GP de Folkcomunicação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor adjunto da Faculdade de Comunicação Social da Uerj. Doutor em Comunicação e Informação pela UFRGS, mestre em Jornalismo pela UFSC. E-mail: andriolli.costa@uerj.br.

³ Doutorando em Comunicação pelo PPGCom da Uerj. Tecnologista em Saúde Pública na Fiocruz. E-mail: magalde@gmail.com

A figura de linguagem que vincula a conversão de corpos em matéria-prima e do sangue em mercadoria torna-se ainda mais evidente quando a metáfora viva se converte em narrativa. E quando a narrativa, dinamizada pelo imaginário e pelas pulsões do social, dão forma a mitos de exploração, surgem as lendas contemporâneas que atualizam sonhos, medos, esperanças e angústias ancestrais.

No Brasil, exploramos este trajeto antropológico nos mitos sobre o Papa Figo e suas derivações; homens poderosos cuja podridão da alma se manifestava na forma de doenças do sangue. Assim, para evitar a morte e recrudescer as pústulas, estes humanos monstrificados não hesitavam em recorrer aos expedientes mais terríveis: o sequestro e assassinato de crianças para poderem se banhar no sangue jovem e comer-lhes o fígado. Como forma de “pagamento”, muitos costumavam devolver os corpos para as famílias com bolsas de ouro ou notas de dinheiro no lugar do órgão extirpado (Costa, 2020).

O epítome destas narrativas, no entanto, encontramos ao observar o tecido social e histórico de Moçambique. No país africano, campanhas de vacinação e coleta de sangue – muitas delas compulsórias - acabaram por semear entre o povo a suspeita sobre o destino do sangue recolhido. Esses temores encontraram solo fértil em uma desigualdade social profunda, com políticas públicas que aumentam a distância entre as camadas populares e os comerciantes ou agentes do Estado cada vez mais abastados; na polarização política entre partidos extremistas, que incitam o clima de insegurança e desconfiança do outro; na biopolítica de um governo secular, que marginaliza práticas tradicionais de cura sem esclarecimento das campanhas de saúde e num ethos em que práticas mágicas para ataque e proteção fazem parte do cotidiano (Bowen, 2002).

Surge, desta maneira, a narrativa dos Chupa-Sangue, entidades noturnas que, a mando do governo, sugam a vida do povo para que ele seja convertido em mercadoria. Seja para o estado, na forma de matéria-prima para a produção da Moeda Nacional; seja para o capital internacional, na forma de tráfico de órgãos – com a renda revertida para a compra de armas (Serra, 2002). Em locais distantes de Moçambique — Cabo Delgado, Nampula, Pemba e Namialo — conta-se que a extração de sangue é feita por seringas ou objetos similares de maneira sorrateira à noite, enquanto as pessoas dormem, causando morte e fraqueza nas vítimas. Serra aponta que há uma peculiaridade: o sangue é sempre retirado da cabeça (1996).

A aparência do ser lendário nunca é precisamente delineada. Em princípio parecem ser apenas homens a serviço dos poderosos, como os homens do saco que atuam capturando crianças para os papa-figos (Costa, 2020). No entanto, há relatos que falam do uso de máquinas, como drones, capazes de descer pelo telhado das casas e tomar o sangue das pessoas pelo uso de seringas (Gunnel, 2021). Entre as estratégias de proteção elencadas estão o uso de cruzeiros nas portas, palavras de proteção, telas de mosquito e reuniões para tocar o tambor e dançar a noite inteira, afastando a entidade (Gunnel, 2021). É a tradição que serve de escudo contra o mal, seja por meio da performance – que expulsa os espíritos – seja por meio das magias simpáticas, ou simpatias, em que se espera que atos no mundo físico gerem consequências no mundo imaterial.

O mito está frequentemente associado a funcionários do governo ou estrangeiros e às vezes resulta em suspeita, estigmatização, linchamentos e violência contra pessoas tidas como responsáveis (Del Barrio, 2017; Mueia, 2017; Lusa, 2017). Os surtos de pânico pelo suposto ataque dos Chupa-Sangue ganha o noticiário frequentemente. Desde os anos 1970, não há uma década em que não tenha havido prisões em massa e linchamentos. Na última década, o país viveu duas mobilizações em um período muito curto: 2017, durante uma crise de malária, e 2020 com a chegada da Covid-19. Foram postos de saúde invadidos; médicos, enfermeiros, repórteres, voluntários de ONGs foram acusados de estarem a serviço do monstro e até mesmo delegacias, casas de empresários e casas de políticos foram invadidas. É a certeza de que o poder é conivente com a exploração dos corpos e sangue dos vivos.

Podemos observar este fenômeno a partir das reflexões introduzidas por Luiz Beltrão ao propor a teoria da Folkcomunicação, que busca compreender as estratégias comunicativas encontradas pelas comunidades alijadas dos modos tradicionais de distribuir e circular informação (1980). Mais especificamente, o ocorrido parece se alinhar a de um acontecimento folkmediático, seguindo a linha de Joseph Luyten que busca compreender os modos como elementos folkcomunicacionais são apropriados pelos meios de comunicação de massa, em um processo teleológico de afetação da realidade e de incorporação pelo povo (2002). No caso, relatos de ataques destes vampiros estatais circulam não apenas no boca a boca; são alimentados pelas rádios (Serra, 2002) e mesmo pelas mensagens de WhatsApp que conseguem driblar as dificuldades de conexão do país (Gunnel, 2021).

Este estudo analisa o mito do Chupa-Sangue e outras narrativas de exploração em Moçambique pela perspectiva da teoria do Imaginário de vertente arquetipológica. Busca partir dos elementos patentes, que emergem do teatro social, para refletir sobre o que permanece latente nestas metáforas vivas que, de tão evidentes, inquietam sobre o que escondem.

A mobilização social que deriva do pânico causado pelas notícias do Chupa-Sangue reflete questões sociais mais amplas, incluindo crises econômicas, epidemias e tensões sociais (Serra, 1996). Os tempos de doença e de escassez agravam as suspeitas e os boatos, transformando cada crise de saúde, cada período de seca ou inflação, em caldo de cultura para a paranoia coletiva. Aos olhos do povo, afigura-se um quadro onde não são apenas os mosquitos da malária que sugam a vida, mas também aqueles que se escondem atrás de crachás e uniformes.

O mito de exploração que dá origem às narrativas do Chupa-Sangue são a expressão de um povo que sente o peso da opressão, uma metáfora do capitalismo “selvagem” que vampiriza não apenas os recursos naturais, mas os corpos dos trabalhadores, e abandona uma trilha de desigualdade. As minas e os bolsos dos poderosos se enchem, enquanto as comunidades locais assistem, desprotegidas, a um espetáculo de ganância. Retrato da impotência, da sensação esmagadora de estar à mercê de forças maiores, de elites distantes e intocáveis que, sem um rosto definido, controlam o destino da grande maioria da população. Nesse cenário, até as ideologias mais extremas encontram terreno fértil para crescer, prometendo proteção contra os sugadores de sangue reais ou imaginários.

Ainda que os ataques do Chupa-Sangue atuem preferencialmente a noite, no âmbito do imaginário eles se relacionam ao que Gilbert Durand (2012) vai compreender como um regime Diurno das imagens. Ligado diarese – ou seja, à separação e distinção, este será catalizador de narrativas que orientem para o conflito; o embate entre aliados e inimigos, bem e mal, vivos e mortos. A recusa da alteridade que enxerga no outro a fonte e a resolução de todos os problemas. Assim, as imagens simbólicas nictomórficas e teriomórficas – ou seja, ligadas à noite e aos animais – são evocadas nos seus sentidos mais terríveis: a fera que espreita, as presas que devoram, a escuridão que assola. O regime Noturno, por sua vez, vai corresponder as ideias de síntese, integração, interiorização. Os animais monstruosos são apascentados ou se fundem conosco, dando

forma a lobisomens e outros bichos-homem; a boca que devora agora engole, leva para dentro; a escuridão misteriosa oculta nossas próprias ações dos olhos curiosos.

Neste percurso, o próprio capitalismo se torna elemento gerador de imagens que estimulam, cada vez mais, a separação, e que convertem o homem não apenas em vítima, mas em produto; o sangue em recurso financeiro; a vida em exploração. Articula o que Raoul Girard, ao investigar mitologias políticas, aponta como mito do complô: o medo de que um grupo minoritário, mas poderoso, age para controlar nossos destinos (1987)

Articulando medidas biopolíticas sanitárias sem a preocupação com diálogo e informação com a população, o governo do país alimenta pavores atávicos que ganham a forma-informe do monstro. Um meio simbólico pelo qual os cidadãos expressam seu descontentamento e desesperança face às estruturas de poder.

Há uma outra chave de leitura que complexifica o que se mostra patente no mito: o sangue. Este elemento biológico que, de tamanha potência simbólica, afeta magicamente inclusive o discurso científico. Não é por acaso, por exemplo, que o mercado da saúde — tecnologias biomédicas — encontre nele o rubedo de sua pedra filosofal; o caminho para a vida eterna. São serviços como: vampiroterapia, ou terapia de Plasma Rico em Plaquetas (PRP), ou *Vampire Facial*, que é um tratamento cosmético que usa o próprio sangue de uma pessoa para melhorar a aparência de linhas finas, rugas e cicatrizes; e a parabiose heterocrônica, técnica de transfusão de sangue jovem para retardar velhice. Um lastro que mostra como o líquido vital é articulado e cooptado pelo capital em todo o ocidente, mesmo no âmbito do imaginário.

Bachelard, ao refletir sobre a poética do sangue, aponta que ela é construída sempre a partir do drama e da dor, “pois o sangue nunca é feliz” (1998, p. 63). Para o pensador, a simbólica deste elemento está ligada às águas e a sensibilidade, podendo mobilizar tanto as águas negras da impureza, da tristeza e da morte, quanto o sangue numinoso, redentor, renovador da vida. Qual sangue é esse que é roubado pelo estado? Percebemos, portanto, que para além da evidência da expropriação da vida pelas instituições, as narrativas sobre sangue que circulam pelo país mostram o seu valor enquanto identidade ao mesmo tempo individual e coletiva. É o sangue, ingrediente para magia (Gunnel, 2021), que permite ter domínio sobre a vida de uma pessoa; representação de suas raízes, sua família, que é levada pelo Estado e que deve ser enfrentada.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, G. **A Água e os Sonhos**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1998.
- BELTRÃO, L. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.
- BOWEN, N. Os Chupa-Sangue na província da Zambézia. **Estudos Moçambicanos**, v. 1, n. 19. 2002. p. 89-112. Acesso em 21 abr. 2024. Disponível em https://www.mozambiquehistory.net/periodicals/estud_moc/19/bowen_em_19.pdf
- COSTA, A. Sangue e fígado: a persistência das imagens simbólicas sobre a lepra a partir do mito do Papa-Figo. **Reciis**, v. 14, n. 2. 2020. p 502-5014.
- DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- GIRARDET, R. **Mitos e Mitologias Políticas**. São Paulo: Ed. Cia das Letras, 1987.
- GUNNEL, T. The Rise of Chupa-Sangue in a World of “Fake News”: Living legends of vampirism in Mozambique and Malawi. **Narrative Culture**, v. 8, n. 2, 2021. p. 240-262
- LUYTEN, J. **Folkmídia, nova acepção da palavra**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 25., 2002, Salvador. Anais... Salvador: Intercom, 2002.
- MARX, K. **O Capital: crítica da Economia Política**. Livro 1. São Paulo: Boitempo, 2013.
- SERRA, C. **Mudança social e crenças anômicas em Moçambique**. In: III Congresso Português de Sociologia. Lisboa. 1996. Disponível em https://aps.pt/wp-content/uploads/2017/08/DPR492ebade1d547_1.pdf . Acesso em 01 mai. 2024.
- _____. **Cólera e catarse**. Infra-estruturas sociais de um mito nas zonas costeiras de Nampula (1998/2002). Maputo, Imprensa Universitária.

MATERIAL DE ANÁLISE

- DEL BARRIO, J. **Boatos sobre os 'chupa-sangue' inflamam disputa política em Moçambique**. El País. 06 nov. 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/30/internacional/1509370111_134167.html. Acesso em 21 abr. 2024.
- LUSA. **Revolta e manipulação na origem de ataques em Moçambique**. DW. 05 nov. 2017. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/mo%C3%A7ambique-revolta-e-manipula%C3%A7%C3%A3o-na-origem-dos-ataques-em-moc%C3%ADmboa-da-praia/a-41242985> . Acesso em: 22 abr. 2024.
- MUEIA, M. **Chupa-sangue deixa populares em alvoroço**. DW. 26 out. 2017. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/caso-chupa-sangue-deixa-autoridades-e-populares-do-centro-de-mo%C3%A7ambique-em-alvoro%C3%A7o/a-41126859>. Acesso em: 22 abr. 2024.